



Psicologia e Fotografia: o olhar do psicólogo sobre imagens que retratam o brincar na infância

Viviane G. Silveira, ULBRA campus Santa Maria, Brasil
vyyanegsm@gmail.com

Dariane F. Félix, ULBRA campus Santa Maria, Brasil
felixdariane@gmail.com

Luís Henrique R. Pereira (orientador), ULBRA campus Santa Maria, Brasil
luishp7@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE:

Infância; brincar; fotografia; psicologia.

RESUMO

O simples ato de brincar de uma criança revela associações mentais complexas que evidenciam sua relação subjetiva com o mundo externo. O presente trabalho buscou analisar, através de fotografias, como se dão as interações sujeito-objeto durante o brincar na infância. E, ainda, compreender de que forma essa relação impacta no psiquismo do sujeito, bem como na formação de suas primeiras significações. É incontestável, portanto, a importância do brincar não só para a formação dos significados construídos pela criança, mas, também, na cultura, uma vez que o brincar é motivado por questões internas relacionadas ao meio externo.

Introdução

O brincar promove na criança a capacidade de ser criativa, de controlar suas ansiedades e estabelecer seus contatos sociais. Para Winnicott (1975), o brincar faz parte do processo de desenvolvimento da criança. Brincando ela expressa suas alegrias, frustrações, habilidades e dificuldades. Sendo assim, é significativo trabalhar com imagens para pensar uma ideia de desenvolvimento. Com base em tal análise, pode-se reconhecer a linguagem expressada pela criança quando segura uma bola, mexe em um controle de televisão, desliza um carrinho sobre uma pista, por exemplo.

O recurso fotográfico é especialmente rico com crianças e adolescentes que, de forma frequente, possuem certa dificuldade em expressar verbalmente seus diferentes contextos de vida e relações sociais (GOSCIEWSKI, 1975). Nestes casos, quando elas se deparam com fotografias, é despertada a curiosidade e as crianças começam a contar histórias sobre o que ocorreu naquela situação, cabendo ao pesquisador aprofundar as informações sobre a percepção infantil dos diferentes aspectos, presentes ou não na imagem.

A fotografia é uma maneira de reviver o passado e capturar o presente, e momentos que poderão ser revisto por gerações. Para Susan Sontag, a foto é uma maneira de capturar a realidade, que está inacessível, pois não pode ser possuída, mas a imagem dela sim: “Não é a

realidade que as fotos tornam imediatamente acessível, mas sim as imagens. Por exemplo, hoje todos os adultos podem saber com exatidão como eles, seus pais e seus avós eram quando crianças — um conhecimento que não era acessível antes da invenção da câmera, nem mesmo para aquela pequena minoria em que era costume encomendar pinturas de seus filhos” (SONTAG, 1977, p.92).

Desse modo, o objetivo deste trabalho foi compreender a relação entre a criança e o brincar por meio de fotografias, sem determinar um ambiente específico em que isso acontece, e sem determinar a identidade das crianças fotografadas. De acordo com Susan Sontag: “as fotos são, de fato, a experiência capturada” (SONTAG, 1977, p.8). Com a realização desse estudo, buscou-se tentar capturar, além das fotos, os significados implicados na relação criança-objeto e o brincar, na infância. Significados esses, que de acordo com Susan Sontag, através das fotos, fornecem um testemunho.

Dessa forma, cabe-nos, enquanto graduandos de Psicologia, buscar o que está oculto, encontrar as raízes das experiências fotografadas, uma vez que Susan Sontag postula que “ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar” (SONTAG, 1977, p.8). Nessa perspectiva, enquanto alunos, objetivamos exercitar o olhar atento e investigativo na atividade do brincar, que além da subjetividade que se traduz na experiência lúdica individual, revela uma história de vida e uma psique em construção.

A motivação ao estudo de tal relação foi iniciada na disciplina de Psicologia Escolar, incorporada no curso de graduação de Psicologia, da Universidade Luterana do Brasil campus Santa Maria, Rio Grande do Sul. A pesquisa torna-se relevante ao traçar uma relação indissociável entre a atividade lúdica na infância e a constituição dos sujeitos. “A brincadeira é a escola da vida para a criança; educa-a espiritual e fisicamente. Seu significado é enorme para a formação do caráter e da visão de mundo do futuro homem” (VIGOTSKI, 2009, p. 100).

Dessa forma, faz-se necessário a interpretação mais detalhada da relação entre a imaginação criativa e as vivências, na infância, utilizando-se dos mecanismos de dissociação e de associação, uma vez que “esse processo é de extrema importância em todo desenvolvimento mental humano; ele está na base do pensamento abstrato, da formação de conceitos” (VYGOTSKY, 2009, p.36).

Metodologia

A metodologia utilizada para a realização desse estudo foi a pesquisa de cunho acadêmico, descritivo e qualitativo de análise de imagens. Como linha metodológica, apropriamo-nos das ideias de Susan Sontag. A autora afirma que “tais imagens [...] são capazes de usurpar a

realidade porque, [...], uma foto não é apenas uma imagem [...], uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária” (SONTAG, 1977, p.2).

Com base nesse estudo, três fotografias foram capturadas, por estudantes do curso de Psicologia, retratando crianças situadas na primeira infância com diferentes brinquedos que posteriormente foram analisadas, visando identificar as relações contidas no momento. Cabe destacar que as fotos capturadas não possibilitaram a identificação das crianças, uma vez que expor a identidade delas não é compatível com o objetivo desse estudo. Possibilitando-nos, assim, analisar de forma precisa a relação implicada na atividade do brincar, na infância, sem expô-las.

Para tal, utilizou-se da fotografia como método de pesquisa, cujas fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal, mas que também às ajudam a tomar posse de um espaço em que se acham inseguras (SONTAG, 1977). As imagens fotográficas buscaram captar todos os possíveis significados de criatividade, interação com o outro, descobertas e sentimentos de ansiedade e ação que o brincar proporciona às crianças das fotos. Bem como proporcionar reflexões acerca dos sentidos e significados que a criança estabelece ao brincar. Para Vygotsky, “a história do desenvolvimento dos signos nos leva diretamente à lei geral que regula o desenvolvimento da conduta” (VYGOTSKY apud MELLO, 2007 p.4).

As fotos podem modificar as nossas ideias, nossa maneira de ver o mundo, o que podemos e queremos ver. Podemos visitá-los ou revivê-los de diferentes maneiras, com diferentes sensações, pois não são apenas imagens capturadas, mas também experiências vividas naquele

determinado momento, que contém uma relação subjetiva de apropriação entre o sujeito e o objeto. Analisando acerca da imagem e do objeto, de acordo com Susan Sontag (2006) pode-se dizer que a fotografia restabelece a mais primitiva forma de relação — a identidade parcial entre imagem e objeto —, agora experimentamos a potência da imagem de um modo muito diferente. A noção primitiva de eficácia das imagens supõe que as imagens possuem os predicados das coisas reais, mas nossa tendência é atribuir a coisas reais os predicados de uma imagem. No entanto, para Kossoy, toda fotografia tem atrás de si uma história e é aí que está sua verdade iconográfica: “[...] o significado das imagens reside exatamente nesse seu

passado, isto é, em sua história própria, nas finalidades que motivaram sua existência, em suas condições de produção, nos fatos que marcam sua trajetória ao longo do tempo, assim como na história do autor, seja ele um fotógrafo consagrado ou um anônimo itinerante, suas visões de mundo, suas convicções, suas motivações” (KOSSOY, 2014, p. 53).

A fotografia nos dá a sensação de quê temos o mundo em pequenas frações no nosso imaginário, são frações da realidade que vemos ao nosso redor, pois não são apenas imagens capturadas, mas também experiências vividas naquele determinado momento.

Desse modo, buscou-se, através deste trabalho, investigar e ressaltar a fotografia como método de estudo na análise fotográfica, no que concerne à subjetividade entre o sujeito e o objeto e os significados subjacentes que cada momento fotografado pode revelar. A partir desse entendimento, torna-se ser pertinente investigar de que maneira um ato esperado da criança- o brincar- torna-se crucial ou até mesmo diferencial, no desenvolvimento cognitivo e psíquico na infância.

Do brincar à construção de significados na infância

Citando Vygotsky: “A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais” (VYGOTSKY, 1998, p. 137). Desse modo, por intermédio da brincadeira, a criança explora e reflete sobre a realidade e a cultura na qual está inserida, interiorizando-a. A experimentação de diferentes papéis sociais durante o ato do brincar (o papel de mãe, pai, bombeiro, super-homem) através do faz-de-conta, permite à criança compreender o papel do adulto e aprender a comportar-se e a sentir como ele, constituindo-se como uma preparação para a entrada no mundo dos adultos. A criança procura, assim, conhecer o mundo e conhecer-se a si mesma. Por outro lado, através da brincadeira, a criança tem oportunidade de simular situações e conflitos da sua vida familiar e social, o que lhe permite a expressão das suas emoções.

De acordo com Vygotsky (2009), a criança começa o seu processo de desenvolvimento observando o comportamento que outras pessoas utilizam em relação a ela. Isto vai fazer com que a criança crie o seu envolvimento social, que inclui principalmente a fala. É através deste con-

texto social, que a criança em fase de desenvolvimento começa a criar a sua forma de pensamento e experiências. Para Vygotsky (2009), o ser humano é um ser social. Portanto, a infância é onde a criança vai desenvolver o seu conhecimento através do convívio familiar, social e das brincadeiras. “Uma das questões mais importantes da psicologia e da pedagogia infantis é a da criação na infância, do desenvolvimento e do significado do trabalho de criação para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança” (VYGOTSKY, 2009, p.16).

Nesse sentido, o brincar configura-se como principal forma de linguagem pelo qual a criança se comunica com o mundo. Inicialmente, com sinais e gestos, brincando sozinha e com brinquedos, e, à medida, que vai crescendo, incorpora valores e elementos que adquiriu nos seus primeiros anos de vida. Surge a socialização do brincar com o outro e a capacidade de imitar papéis sociais que os rodeiam, expressando seus sentimentos e anseios através do “mundo da imaginação”. Machado afirma que “brincar é a nossa primeira forma de cultura” (MACHADO 2003, p.21), ou seja, nossa primeira forma de interagir com o que nos cerca, procurando tocar, explorar, ver como funciona, se comunicar.

Desse modo, a brincadeira faz parte da cultura da criança. Entretanto, ela precisa estabelecer relações com o mundo para se apropriar da cultura que a cerca. Sendo assim, atribuímos ao brincar o papel de inserir a criança no mundo real. Para Vygotsky a experiência anterior tem um grande significado para o homem, pois contribui de forma significativa para a vivência do homem no mundo. “Quando me lembro da casa onde passei a infância ou de países distantes que visitei, reproduzo a marca daquelas impressões que tive na primeira infância ou a época das viagens” (VYGOTSKY, 2009, p.12).

Resultados e discussões



Fotografia 1: capturada por Fernanda Machado de Luz, em Maio de 2018. Acervo pessoal.



Fotografia 2: capturada por Fernanda Machado da Luz, em Maio de 2018. Acervo pessoal.



Fotografia 3: Fotografia capturada por Andrea Hider, em Maio de 2018. Acervo pessoal

Na fotografia 1, a criança está testando os limites do brinquedo, colocando a força sobre ele. Percebe-se uma relação de causa e consequência, à qual a criança aperta e como resultado, o brinquedo emite um som. Movimento, este, que é repetido de acordo com necessidade da criança de causar o som e aproveitar-se da relação e sensação que se estabelece no momento. Assim, “A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito” (BENJAMIM, 2002, p.03).

Nesse sentido, percebe-se também a previsibilidade - após alguns movimentos sucessivos, a criança já consegue prever a reação que obterá. Assim, desenvolve-se, também, uma sensação de controle sob aquele objeto, o que possibilita à criança uma noção de segurança e domínio frente ao movimento repetitivo. Assim, “a relação de objeto pode ser descrita em função da experiência do sujeito. O objeto sobrevive à destruição. O sujeito pode usar o objeto” (WINNICOTT, 1975, p.131).

De acordo com Benjamin (2002), a repetição é para a criança a essência da brincadeira, e nada lhe dá tanto prazer como brincar outra vez. Relacionado a isso, para Winnicott (1975), o brincar é de importância fundamental para a saúde e o desenvolvimento emocional do indivíduo, e se relaciona à continuidade do ser. Mesmo quando desperta ansiedade o brincar satisfaz e tem efeitos terapêuticos. O bebê tem necessidade de tentar controlar aquilo que começa a perceber como objeto externo. “Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer” (WINNICOTT, 1975, p. 63).

Esta foto constitui um momento, “um real que não se pode mais tocar” (BARTHES, 1984, p.130). Embora a fotografia funcione como uma espécie de certificado de presença, de acordo com

Barthes (1984), ela não fala de uma realidade imutável. Pelo contrário, ela fala com certeza, sobre “aquilo que foi”, não se detendo sobre aquilo que “não é mais”, mas atestando o que de fato existiu (BARTHES, 1984). Pode-se pensar isto relacionado à infância, uma vez que o brincar não possui caráter rígido, ou seja, a cada brincadeira, ou repetição da mesma, o sentido do significado do objeto pode sofrer alterações para o sujeito. Além disso, é interessante ressaltar que a foto em questão apresenta uma ideia de destruição do objeto. No entanto, isso pode ser uma interpretação equivocada, no que concerne à intenção da criança uma vez que sua inocência presume que ela “não é capaz de prejudicar” algo ou alguém, de acordo com a etimologia deste termo.

Na fotografia 2, percebeu-se a interação social ocorrendo e a divisão do mesmo brinquedo. A criança experimentando a vida em sociedade. Por vezes nos deparamos com crianças brincando “juntas”, porém sem interagir. Aos poucos, a criança passa a reconhecer a existência do outro e, não apenas isso, mas também que pode se beneficiar a partir da interação com o outro. Dessa forma, através da brincadeira, a criança adquire suas primeiras experiências em grupo. Para Winnicott: “o brincar facilita o crescimento e, portanto a saúde, além disso, o brincar conduz aos relacionamentos grupais” (WINNICOTT, 1975, p.63).

Nota-se que a criança compartilha uma câmera fotográfica que emite som, luz e que possui uma espécie de rolo em sua lateral, conseqüentemente, esses aspectos despertam o interesse psicomotor, visual e auditivo. Tal imagem dá lugar ao outro na preferência da brincadeira, adquirindo novas formas de manusear o brinquedo, conforme Vygotsky: “a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação àquilo que vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê” (VYGOTSKY, 1998, p.127).

Nesta foto, evidencia-se que “hoje, a dimensão do social confere ao sujeito um lugar onde o singular encontra-se fragmentado na multiplicidade que o rege” (MEIRA, apud BENJAMIN, 2003, p. 75). Na qual, pode-se depreender, ainda, a noção de que a investida do sujeito em relação ao objeto pode ser modificada de acordo com a ação do outro sobre o mesmo. Promovendo, assim, uma síntese entre o desejo de ambos os personagens da cena retratada em relação ao objeto. Para Barthes, a relação entre fotografia e personagens presentes observadas deve ser entendida como: “A Fotografia está vagamente constituída como objeto, e

os personagens que nela figuram estão constituídos como personagens, mas apenas por causa de sua semelhança com seres humanos, sem intencionalidade particular” (BARTHES, p.36-37, 1984).

Através deste entendimento, depreende-se que um fotógrafo- profissional ou amador- “[...] não podia não fotografar o objeto parcial ao mesmo tempo em que o objeto total [...]” (BARTHES, 1984, p.76). Neste sentido, a composição fotográfica acima representa, em sua constituição, um todo e não um fragmento da realidade retratada. E, tampouco, seus objetos elementares devem ser considerados como uma metáfora, pois, o que ocorre, na verdade, é que cada fotografia retrata “[...] a imagem viva de uma coisa morta” (BARTHES, p.118, 1984).

Trata-se de uma imagem viva, à medida que eterniza um momento, sendo, portanto, de valor atemporal. Esta por sua vez, não se apaga totalmente, no plano cronológico, já que é uma condição necessária para a criação de um momento subsequente, de uma realidade que se modifica constantemente. Entretanto, também possui contraditoriamente, um caráter morto, pois a fotografia trata ou retrata o que já foi (BARTHES, 1984). Dessa forma, a fotografia mesmo mostrando sobre o que “já foi”, segue invicta, ou seja, não se pode contestar a partir do que foi retratado, foi real. Isso, não quer dizer, contudo, que o sentido da mesma não possa se alterar para quem a observa, que sua representação semântica seja rígida e estática.

Na fotografia 3, é possível entender de acordo com Winnicott que a criança “traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal” (WINNICOTT, 1975, p.76). Essa imagem propicia reflexões acerca da tecnologia e o impacto que a mesma causa na infância. Atualmente é raro observar-se crianças jogando bola ou brincando livremente pela rua. Em consequência disso, dos avanços tecnológicos, da imersão no capitalismo e da solidificação da sociedade de consumo, as crianças estão muito voltadas a computadores, celulares, *tablets*, videogames, entre outros aparelhos eletrônicos.

Além disso, com a pressa cotidiana, é muito mais prático para os pais lançarem mão de um *tablet* com um jogo com interface atrativa do que parar e ensinar um jogo de tabuleiro para o filho, como acontecia mais comumente, há 10 anos, por exemplo. Nessa linha, cabe ressaltar que muitos jogos são benéficos para o desenvolvimento da criança, pois instigam a vontade de aprender e estimulam o raciocínio. Mas, ainda assim, muito se perde com o advento de tantas tecnologias. Nesse sentido, pode-se pensar quão prejudicada se dá a interação dessa criança com outras crianças de sua idade e também com os pais. Fato que estimula o egocentrismo e a individualidade.

Pode-se, ainda, refletir acerca do que fica para trás se essa criança não fantasiar, imaginar e criar suas brincadeiras tanto quanto deveria. Além disso, é fundamental que a criança interaja ativamente, modifique, manuseie e até mesmo se suje. Em suma, é importante que a criança explore. “Sem a dimensão do lúdico, não se dá a ligação, não existe aprendizagem da ‘língua’, não há espaços nem tempo possíveis, não há estrutura sem desenvolvimento. Não há infância nem sujeito falante” (LEVIN, 1997, p.255).

As crianças do século XXI nasceram em um período no qual a tecnologia é o alicerce da manutenção das relações sociais, sendo assim, torna-se uma tarefa impossível viver sem ela, pois as crianças mesmo anteriormente a alfabetização aprendem a utilizar esses recursos disponíveis pelos aparelhos eletrônicos, de forma aleatória, sem objetivo específico, isso provoca dificuldades no processo da aprendizagem. De acordo com Rowan (2010), não é recomendado uso frequente de televisão, *tablets* e celular para crianças de até dois anos, pois segundo eles, o hábito muito precoce conduz ao uso compulsivo e a dificuldade em ligar com a realidade não virtual.

Dessa forma, o abuso da tecnologia por menores de 12 anos é prejudicial ao desenvolvimento e aprendizado infantil. Nesse sentido, para Meira, citando Benjamin: “A memória do brincar, hoje, encontra-se apagada pelo excesso de estímulos oferecidos incessantemente, em um ritmo veloz e instantâneo. A exaltação do objeto eleva minúsculos brinquedos à extrema potência, para dali a alguns dias serem substituídos por outros, novas versões *tecno* do mais avançado, do melhor” (MEIRA, apud BENJAMIN, 2003, p.75).

Este fenômeno, por sua vez, produz uma fragilização da narrativa nas novas configurações do brincar (MEIRA, apud BENJAMIN, 2003), ditadas pelo capitalismo, indústria e propaganda infantil, bem como a noção de tempo acelerado em que a sociedade está acometida. Essa nova forma de brincar é marcada pela exigência de uma novidade incessante, que passa a ser exigida também pelas próprias crianças, que se encontram mais suscetíveis a reproduzirem o sintoma do meio em que estão inseridas. Essa transformação é afetada, então, “pelas constantes rupturas que se operam em função dos imperativos do consumo” (MEIRA, apud BENJAMIN, 2003, p. 76). Essa fragilização é resultado, em síntese, do excesso de estímulos a que as crianças de hoje estão submetidas. O impacto disso “revela-se no próprio tecido do brincar, que passa a compor-se de minúsculas cenas, rápidas, velozes, nas quais as crianças ensaiam metáforas incipientes” (MEIRA, apud BENJAMIN, 2003, p. 76).

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise acerca da importância do brincar na infância, através da ótica da fotografia, uma metodologia que desafiou a construção deste trabalho pela necessidade de estabelecer a conexão entre os referenciais teóricos transcritos às imagens capturadas pelos componentes do grupo. Com o método e referenciais teóricos utilizados para a realização do presente trabalho, a investigação possibilitou-nos um novo olhar sobre a infância e também um novo caminho para novas pesquisas sobre esta e outras futuras temáticas. Ressaltamos, ainda, que o objetivo de pesquisa não foi concluído, encontrando-se, assim, aberto a novas investigações e contribuições sobre o mesmo.

Observou-se, também, que, apesar de diferentes perspectivas, autores distintos dialogam e convergem a uma mesma conclusão, como é o caso de Walter Benjamin e Donald Winnicott. Em suas obras, evidenciaram-se as determinações sociais, psicológicas, históricas, entre outras, que se entrecruzam no estudo do brincar e de seus significados. Winnicott o faz pelo viés da psicanálise, enquanto Benjamin realiza seu trabalho a partir de estudos culturais e filosóficos. Independente da forma como chegam a seus resultados, os dois autores apontaram para um ideal comum: o quanto o brincar é fundamental não só para o desenvolvimento do indivíduo, como da cultura.

Dessa forma, a presente análise fez-se muito pertinente à medida que elucidou o quanto fundamental é o brincar na infância e, por conseguinte, no desenvolvimento ao longo da vida, pois os acontecimentos ocorridos na infância marcam todos os ciclos de desenvolvimento psíquicos do sujeito. Vygotsky contribuiu com sua dedicação ao estudo sobre a

infância e desenvolvimento da criança, de que o brincar é uma maneira de expressão e desenvolvimento desta. Ele salientou o quanto o homem é um ser social e quanto este convívio influencia a vida das pessoas. “O que na vida real é natural e passa despercebido, na brincadeira torna-se regra e contribui para que a criança entenda o universo particular dos diversos papéis que desempenha” (VYGOTSKY, 2009, p. 69).

Nesse sentido, é fundamental ressaltar que o brincar é o meio pelo qual a criança expõe seus desejos, conflitos e anseios e, dessa maneira, não pode ser tratado como um movimento sem sentido. É preciso ter em mente que toda brincadeira tem uma motivação interna e uma relação com o meio externo. Sob essa perspectiva, a criança deposita um mundo de significados em suas brincadeiras, imitações e jogos - mundo este que está acessível a quem decidir reconhecê-lo como forma espontânea e singular de expressão.

Além disso, é pertinente ressaltar que o brincar, bem como todas as suas implicações ao sujeito, é indissociável da infância. É o período em que acontecem os primeiros desenvolvimentos e aprendizagens da criança, as primeiras etapas e descobertas. É onde a criança aprende a relacionar-se e a apropriar-se do “universo”, onde, aos poucos, é descoberto o que é da ordem da fantasia e o que é da realidade. Tudo isso através do brincar, acontecendo no tempo de cada criança.

Ao brincar a criança esta desenvolvendo diversas habilidades, tais como: habilidades motoras, concentração, memória, imaginação, criatividade, invenção, aprendizagem, relacionamento afetivo ou social. A brincadeira para a criança é uma constante aprendizagem e conhecimento, é uma maneira de conhecer o mundo e sua realidade. “Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras” (VYGOTSKY, 2009, p. 16).

Compreendeu-se, portanto, a partir das análises obtidas, através das fotografias, que para a utilização da ferramenta lúdica do brincar pelo profissional de psicologia, é necessário, sobretudo, estar atento ao fato de que a criança demanda suas influências externas. E, assim, inevitavelmente, ela reproduz suas significações acerca do meio em que vive. É através do recurso lúdico, então, que o psicólogo captará as demandas do sujeito, bem como fragmentos de sua realidade externa e interna. Nessa perspectiva, a utilização de fotografias foi de extrema pertinência ao exercício de um olhar clínico mais aguçado, possibilitando, assim, aprofundar a análise sobre a construção de significados e relações sociais, através da relação sujeito-objeto durante o brincar na infância.

Referências

- ABERASTURY, Arminda. A criança e seus jogos. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. Tradução do Alemão por Renato Zick. São Paulo: L&PM Editores. 2016.
- GOMES ARAÚJO, Hermano. Tempo, visibilidade e invisibilidade: um recorte da fotografia pelas imagens da minha infância. 2015. Disponível em: <http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/12527/1/2015_HermanoGomesAraujo.pdf>. Acesso em: 09 jun 2018.
- KOSSOY, Boris. Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2014
- MACHADO, m.m. O brinquedo: sucata e a criança. Loyola, 2003.
- MARCELLINO, N.C. Estudos do lazer: uma introdução. Ed. 5ª revista. São Paulo: Autores Associados, 2012.
- MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. *Perspectiva—Revista do Centro de Ciências da Educação*, v. 25, n. 1, p. 83-104, 2007.
- RUDUIT DIAS, Lúcia Regina; ZANELLA, Andréa Vieira; TITTONI, Jaqueline. Interface Direito/Psicologia em imagens: experimentação fotográfica em sala de aula. *Revista de Ciências Humanas, Florianópolis*, v. 50, n. 1, p. 87-107, jul. 2016.
- SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.
- TITTONI, Jaqueline. O fotografar, a poética e os detalhes. In: ZANELLA, Andréa Vieira; TITTONI, Jaqueline (Org.). *Imagens no pesquisar: experimentações*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011, p. 125-146.
- VIGOTSKI, Lev S. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, p. 16, 200
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 103-117.
13. VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WINNICOTT, D.W. *O Brincar & a Realidade*. Traduzido da primeira edição inglesa publicada em 1971. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ZANELLA, V. Andréa, TITTONI, Jaqueline (Org.) *Fotografia e pesquisa em psicologia: retratos de alguns (des)encontros*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011, p. 15-34.